

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Bolsas de Iniciação Científica - História

Gabriella Nunes Claudio; Pedro Luiz Teixeira de Sena

ROMPENDO SILÊNCIOS: A baronesa Maria Alexandrina e seu papel político, social e cultural na sociedade luziense.

Santa Luzia

2022

Gabriella Nunes Claudio; Pedro Luiz Teixeira de Sena.

ROMPENDO SILÊNCIOS: A baronesa Maria Alexandrina e seu papel político, social e cultural na sociedade luziense.

Projeto de Iniciação Científica apresentado no curso de *História* da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Número do Projeto: *27141*

Orientador(a): *Júlia Calvo*

Santa Luzia

2022

Imaginário e materialidade: O Solar da Baronesa, em Santa Luzia, e a Educação Patrimonial

Pedro Luiz Teixeira de Sena¹

Gabriela Nunes Cláudio²

Julia Calvo³

RESUMO

Localizado na rua principal da cidade de Santa Luzia, o Solar desponta como a maior edificação do Centro Histórico. É uma referência arquitetônica do período e atrai olhares de todos devido a sua imponência e estética, e também pela sua importância histórica, despertando a curiosidade de visitantes e de gerações de luzienses ao longo dos anos. Construída em fins do século XVIII, a edificação colonial conhecida como Solar da Baronesa, foi a residência dos barões da cidade. Ali recebeu e hospedou autoridades e o próprio imperador do Brasil em 1881. Também era ali, pela importância de seus ilustres moradores, que eram entregues ofícios importantes e as cartas de apresentação dos viajantes que passavam pelo arraial. O Solar é tombado pelo IEPHA e é aberto à visitação, recebendo periodicamente os estudantes das escolas da cidade. Este trabalho é uma reflexão sobre os sentidos da Educação Patrimonial e suas possibilidades, voltadas principalmente para a história local. Mais do que nunca, ressignificar os lugares e dar novos sentidos às antigas edificações como defende Pierre Nora (1993) se faz necessário para defender a cultura, desvelar a História Local e seus agentes e estabelecer os vínculos de pertencimento aos lugares. Busca-se valorizar e repensar as formas de intervenção de atividades que preservem o Solar, como patrimônio local, para que a história que ele carrega não seja esquecida e silenciada. Este trabalho surgiu por meio das pesquisas realizadas pelos autores no PROBIC - PUC Minas, que tem foco na atuação da baronesa Maria Alexandrina no arraial de Santa Luzia no século XIX. Nossa primeira direção é propor questões acerca da definição do nome: Solar da Baronesa. Não era do barão, mas propriedade da ilustre Maria Alexandrina que, ainda hoje, é lembrada como um ícone na imaginação dos luzienses com uma marca de protagonismo e ação na cidade. Assim, cabe a compreensão sobre o que a construção e sua titularidade significam a respeito da atuação dos barões (e principalmente da baronesa) na cidade, abrindo-se para pensar o arraial e as relações de poder nas Minas dos oitocentos, considerando as formas de sucessão patrimonial e as formas de construção da distinção social que garantiram status dentro e fora da província.

Palavras-chave: Solar da Baronesa; Santa Luzia; Educação Patrimonial; Lugares da Memória

INTRODUÇÃO

¹ Graduando em História pelo Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e voluntário do PROBIC - PUC MINAS

² Graduanda em História pelo Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e voluntário do PROBIC - PUC MINAS

³ Dr^a em Ciências Sociais. Professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Coração Eucarístico e professora orientadora do PROBIC - PUC MINAS

O Solar da Baronesa com sede na Rua Direita, principal rua do centro histórico luziense, foi durante o século XIX o principal casarão da cidade, principalmente no âmbito político, sendo o local onde viveu as três maiores personalidades do arraial, os barões e a baronesa da cidade. Com o passar dos anos, assumiu diferentes funções e hoje é o centro cultural da cidade.

Neste artigo, busca-se refletir sobre as possibilidades de utilização do solar da baronesa e sobre a figura desta importante mulher, buscando realizar um trabalho de educação patrimonial, que desperte nos estudantes e moradores locais a curiosidade e também os lembre da importância tanto do solar, quanto da baronesa Maria Alexandrina para que se possa entender a história de Santa Luzia. Além de mostrar como o solar carrega marcas das transformações ocorridas na cidade.

É válido ressaltar que este artigo deriva de uma pesquisa que vem sendo realizada pelos dois autores, sob orientação da professora Julia Calvo, no PROBIC. No projeto principal do PROBIC buscamos entender o papel sociopolítico e cultural da Baronesa Maria Alexandrina na sociedade luziense no séc. XIX. O solar da Baronesa, que é o objeto principal desse estudo, foi o casarão que abrigou Maria Alexandrina e seus dois maridos, e ficou conhecido assim devido a enorme influência exercida por ela no arraial luziense, ou que se imagina que tenha exercido, devido às marcas deixadas no imaginário da população luziense.

O SOLAR E A BARONESA DE SANTA LUZIA

O solar é uma edificação de estilo arquitetônico colonial e se destaca sendo a maior construção do centro histórico com sua imponência e estética. A data de sua construção, no entanto, é imprecisa, mas acredita-se que a obra tenha se iniciado nos fins do século XVIII e terminado nas primeiras décadas do século XIX por ordem de Manuel Ribeiro Viana, figura muito importante para a vila naquele momento e que se tornou o primeiro barão. Entretanto, GOMES (2017), ao estudar a construção nos alerta que:

“Em várias publicações é citado que a edificação foi ‘construída’ por ordem do 1º barão de Santa Luzia, porém, uma análise das plantas dos pavimentos e fachadas sugere que não foi construída em lote vago, sendo proveniente da junção de duas casas térreas. O que também justifica o fato de nenhuma das fachadas apresentarem uma sobreposição exata dos vãos, nem mesmo na fachada principal, e neste contexto, o pavimento superior foi construindo num segundo momento.” (GOMES, 2017, p.6)

Sabe-se que ao ser construído o solar passaria a ser morada do futuro primeiro barão e de sua esposa Maria Alexandrina, que ao se casar com Manuel, assumiu o título de baronesa

da cidade. Por ser o domicílio de duas das mais influentes pessoas da vila, era o principal centro político da cidade, sendo entregues nele ofícios importantes e as cartas de apresentação dos viajantes que passavam pelo arraial. Podemos constatar a beleza e significado do solar através de alguns depoimentos, como os dos ingleses Richard Burton e Marianne North.

A mais importante figura brasileira do século XIX, Dom Pedro II, se hospedou no casarão e ainda a descreveu como excelente em seu diário de viagem.



Figura 1: Solar da Baronesa
Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Santa Luzia

Tendo em mente que o principal financiador da construção foi o 1º barão Manuel Ribeiro Viana, somos levados a questionar o porquê do solar ser conhecido até hoje como Solar da Baronesa.

Maria Alexandrina, filha de um abastado comerciante baiano, chegou em Santa Luzia aos 33 anos em uma comitiva com seu pai e irmãs no início do século XIX. Depois de um casamento que supostamente foi arranjando pelo seu pai e o Comendador Manuel, se tornou a baronesa da cidade e a partir disto deixou significativas marcas no imaginário da população através de sua atuação como figura política em conjunto com o primeiro barão Manuel Ribeiro Viana. Após a morte deste, a baronesa se casou novamente, fato pouco comum para o período, com outro importante homem da vila luziense, Quintiliano Rodrigues da Rocha Franco, que recebeu o título de barão ao se casar com ela.

Juntamente com os seus maridos, passou a realizar inúmeras obras na vila de Santa Luzia, que naquele momento ainda era dependente de Sabará, como hospitais, centros

culturais e educacionais. Foi devido a atuação dos barões que Santa Luzia se torna uma vila independente no século XIX, apesar de suas origens remontarem ao século XVII.

O fato de o casarão ser até hoje conhecido como Solar da Baronesa é um dos motivos que movem pesquisas como a que vem sendo realizada no PROBIC. No momento em que a pesquisa se encontra, busca-se entender como a Baronesa Maria Alexandrina conseguiu deixar uma imagem tão forte na mentalidade luziense a ponto de até mesmo causar um certo apagamento dos barões. Pois todas as obras são lembradas como idealizadas por ela, e sua alcunha ainda dá nome a bairros e ruas da cidade de Santa Luzia.

Maria Alexandrina de Almeida, então, mesmo que acompanhada dos maridos, surge como protagonista no desenvolvimento do arraial e de sua constituição como vila e sua importância é revelada através das narrativas que alimentam o imaginário dos luzienses, mesmo em um contexto em que mulheres, até as abastadas como ela, eram silenciadas e estavam destinadas à vida privada, à maternidade e a exercer influência apenas no lar.



Figura 2: Baronesa Maria Alexandrina
Fonte: Associação Cultural Comunitária de Santa Luzia

Contudo, mesmo com todas essas marcas na mentalidade dos luzienses e uma possível participação pública na administração do arraial, a baronesa aparece muito discretamente em documentos, o que nos faz refletir sobre o seu verdadeiro papel na prática, podendo ser mais tímido do que o que se faz presente no imaginário. Essa questão desperta uma reflexão sobre a criação e a permanência de uma narrativa que pode ter se originado de sua longevidade, comparada aos dois barões, e por não ter filhos para exercer o papel de mãe que lhe era atribuído por estar inserida na sociedade oitocentista.

O solar era então palco principal daquilo que ocorria na vila, por abrigar as pessoas mais influentes da cidade, por isso nesse artigo discutisse como se pode utilizar do solar para entender a história local. Depois que os barões morreram, o solar passou a ser uma escola,

posteriormente abrigou a prefeitura e hoje ele é a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, atuando como centro cultural para a promoção de oficinas culturais.

A estrutura interna se modificou bastante e não se sabe ao certo como ele era na sua planta original, mas vemos que ele possui três grandes pavimentos, como conseguimos notar através de fotos. O Solar é tombado pelo IEPHA e é aberto à visitação, recebendo periodicamente os estudantes das escolas da cidade para que se possa entender um pouco da história da cidade, e por fazer parte do centro histórico.

A Educação Patrimonial e o Solar da Baronesa: definições

Para se pensar a respeito da Educação Patrimonial e seus desdobramentos serão utilizados os conceitos e parâmetros estabelecidos pelo “Guia Básico da Educação Patrimonial”, elaborado por Horta, Grunberg e Monteiro (1999). Dessa forma, a Educação Patrimonial será tratada como um trabalho educacional centrado no patrimônio e na sua utilização enquanto fonte primária para a construção de saberes coletivos e individuais.

“A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

Depreende-se do fragmento acima que a Educação Patrimonial visa propiciar a observação crítica e apurada das manifestações culturais, além de sua apropriação de forma consciente, objetivando a preservação do patrimônio e o estreitamento de laços de identidade e pertencimento dos indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, os autores sinalizam que

“A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Essa percepção mais ampliada permite que o indivíduo se entenda como parte da comunidade em que está inserido, além de perceber como essa comunidade se relaciona com a história local, criando um sentimento de continuidade, vinculado, contudo, aos processos de ruptura. Os lugares de memória, como denominados por Norra (1994), passam a ser valorizados a partir da necessidade de lembrar e repassar essa lembrança para que ela não se perca.

Outrossim, como destacado por Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 6), assim como os demais processos educacionais, esse tipo de trabalho se destina à obtenção de novos conceitos e habilidades por parte dos sujeitos, que serão reforçados pela sua aplicação no cotidiano e no próprio processo educacional. Com isso, compreende-se que a Educação Patrimonial também objetiva proporcionar a desenvolvimento dessa atividade intelectual e prática, porém levando em consideração o potencial do patrimônio enquanto provocador da curiosidade dos indivíduos.

A utilização do objeto real como fonte, no caso observado o Solar da Baronesa, pode nos revelar aspectos importantes acerca da sociedade que o produziu, seus significados e implicações, como destacado por Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 7), “nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido”. Dessa forma, o Solar será apresentado como foco dessa investigação, como o objeto real a ser analisado, como a fonte primária na construção desse artigo.

O Solar se apresenta como um patrimônio da sociedade luziense, tombado pelo IEPHA, teve a sua importância acentuada. Durante o século XIX, como já abordado aqui, abrigou as três figuras mais importantes do arraial, a Baronesa e seus dois maridos, os barões. Além disso, todos os ofícios e cartas importantes eram entregues na residência, que também funcionava como polo cultural da época, sediando os grandes eventos do arraial. A relevância da edificação para a cidade é inegável, atualmente abriga o centro cultural luziense. A partir dessas constatações pode-se pensar até mesmo na influência da Baronesa no local, que perdura até hoje, visto que ruas, bairros e, até mesmo o solar, fazem uma clara menção a essa mulher, enquanto os barões foram totalmente ofuscados pela memória que se criou em torno de sua figura.

Ademais, de acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 14) uma das formas de manifestação do patrimônio é o monumento, que, dentre outras coisas, pode ser uma “edificação que sobreviveu ao tempo e foi consagrada pela sociedade como símbolo coletivo, e como referências da memória de um povo”. Essas construções carregam as marcas das transformações ocorridas no espaço onde estão inseridas, por isso se cristalizam como lugares de memória, como defendido por Norra (1993)

“Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial (...) para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.” (NORRA, 1993, p. 22)

Nessa perspectiva, o Solar da Baronesa pode ser percebido enquanto um monumento visto que suas especificidades assim o caracterizam. Uma construção que remonta ao século XIX que resistiu a ação do tempo, se configurando como portadora de partes da memória de um povo e que se adaptou as mudanças do tempo, acolhendo novos significados e simbologias sobre si. Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 14), sinalizam que

“Um monumento é antes de tudo uma referência a um momento na trajetória histórico-cultural de um povo, um instrumento da memória coletiva. Assim, jamais pode ser estudado isoladamente. Um monumento deve ser visto como um elemento do meio ambiente histórico, e como tal deve ser analisado em seu contexto social e histórico, ao longo do tempo.”

Dado o exposto, tendo em vista a necessidade de se ressignificar os lugares e dar novos sentidos às edificações, como defendido por Norra (1993), pretende-se pensar a respeito das possibilidades de utilização e apropriação consciente desse espaço pela população, como meio de promover a sua preservação e, conseqüentemente, de sua história, permitindo o fortalecimento da identidade coletiva. Para isso, as considerações feitas serão pautadas na metodologia da educação patrimonial, proposta por Horta, Grunberg e Monteiro (1999).

A metodologia da Educação Patrimonial aplicada no Solar da Baronesa

A metodologia da Educação Patrimonial, pensada por Horta, Grunberg e Monteiro (1999), estabelece atividades práticas que possibilitam a utilização do objeto cultural como fonte primária para a produção de conhecimento. Dessa forma, levando em consideração a multiplicidade de aspectos que os objetos carregam em si, o primeiro passo apresentado pelos autores é a delimitação dos objetivos e metas que a investigação pretende alcançar.

“Por exemplo, em um museu, definir o tema a ser abordado, em um monumento ou uma cidade, definir os aspectos a serem investigados (arquitetônico, urbanístico, social, econômico, histórico etc.). Num simples monumento podemos analisar os aspectos construtivos e materiais, a área de entorno, o interior, o aspecto decorativo, o mobiliário, os habitantes ou usuários, as transformações ocorridas no tempo. Cada um desses aspectos oferece uma infinidade de enfoques a abordar.” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 8).

Como sinalizado anteriormente, para delimitar esses objetivos e metas, deve-se levar em consideração que a Educação Patrimonial é um trabalho educacional, que como os demais, visa proporcionar ao sujeito a obtenção de novos conceitos e habilidades. Com isso, a questão norteadora dessa etapa deve girar em torno dessa preocupação (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

Após o estabelecimento dos objetivos e metas, os autores indicam os 4 passos que devem ser seguidos para que a atividade se configure enquanto um trabalho da Educação Patrimonial.

QUADRO I

Etapas	Recursos/ Atividades	Objetivos
1) <u>Observação</u>	exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive ...	<ul style="list-style-type: none"> • identificação do objeto/função/significado; • desenvolvimento da percepção visual e simbólica.
2) <u>Registro</u>	desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas ...	<ul style="list-style-type: none"> • fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; • desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3) <u>Exploração</u>	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	<ul style="list-style-type: none"> • desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.
4) <u>Apropriação</u>	recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme, vídeo.	envolvimento afetivo , internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

Fonte: Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 9

Observa-se que os passos propostos visam desenvolver no sujeito uma leitura ampliada e profunda acerca do mundo que o rodeia, permitindo que ele se perceba como parte dessa realidade sociocultural e crie vínculos de pertencimento. Esse movimento também proporciona o desenvolvimento do sentimento de cidadania, pois, ao se sentir pertencente a uma comunidade, o indivíduo entende a necessidade de preservar os seus lugares de memória, garantindo a sua permanência na posteridade.

Diante do que foi exposto, pensaremos nas possibilidades de utilização da Educação Patrimonial, centrada no Solar da Baronesa, para a construção de conhecimentos acerca do próprio monumento e da Baronesa, propiciando o aprofundamento, posterior, em assuntos como a independência do arraial luziense, a influência da Baronesa no arraial, a relação da edificação com o meio-ambiente histórico etc. Tudo isso, visando promover aos sujeitos a percepção do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que estão inseridos

(HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999), desenvolvendo e fortalecendo os vínculos de identidade luziense.

O Solar é aberto à visitação do público, qualquer pessoa pode conhecer o lugar e se apropriar do seu espaço e memória. Contudo, deve-se ter em mente que existem algumas barreiras simbólicas que inibem parte da população, normalmente a marginalizada, de acessar esses locais de maneira espontânea. Dessa forma, os meios comuns de apropriação do Solar se dão através das visitas escolares e das apresentações teatrais, ofertadas no período anterior a pandemia. Levando em consideração a metodologia da Educação Patrimonial, abordada anteriormente, e os objetivos e metas já estabelecidos, algumas questões serão colocadas na tentativa de oferecer uma mediação para a apropriação consciente desse espaço, principalmente, no caso das visitas escolares.

O primeiro passo proposto pelos autores é a observação, que deve permitir a identificação e a percepção visual e simbólica do espaço. A visitação deve guiar os sujeitos a esse olhar mais centrado, sempre levando em consideração o objetivo principal, nesse caso, a utilização do Solar como meio para a aproximação com a história local. Algumas questões podem ser colocadas, antes mesmo do momento da visita, como forma de nortear as percepções, como, por exemplo, “Como é a arquitetura do Solar? (observar a quantidade de janelas, portas, andares etc.); “Quem morou aqui?”; “Para que a edificação era utilizada?”; “Qual a sua importância para o arraial luziense?”; “Atualmente, o Solar é utilizado para que?”; “E qual a sua importância hoje para a cidade?”; “Houve mudança na sua estrutura? Quais?”. Nesse momento, pode-se também introduzir questões acerca da própria Baronesa, que despertem a curiosidade para a seu papel político, cultural e social no arraial e como isso ainda ecoa na atualidade.

A segunda etapa estabelecida no Guia, destina-se ao registro das informações coletadas, nesse momento o conhecimento é fixado, as percepções são aprofundadas e a memória é desenvolvida (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999). As questões colocadas no momento da observação devem ser respondidas, baseadas nas informações obtidas na visitação, produzindo um conhecimento primário acerca do Solar.

Já na terceira etapa, o conhecimento desenvolvido será comparado com outras fontes e referências sobre o assunto. É o momento privilegiado da pesquisa, o sujeito deve buscar outros aportes para analisar as evidências encontradas, podem ser artigos científicos, revistas, jornais, sites, livros, filmes, documentários etc. Os indivíduos desenvolvem as capacidades de análise e interpretação das evidências, sendo capazes de estabelecer suas próprias hipóteses, questionamentos e problemas. Dessa forma, nessa fase se desenvolvem as constatações mais

aprofundadas e embasadas acerca da importância do Solar e da própria Baronesa durante o século XIX e como isso ressoa na atualidade, analisando a memória que consagrou Maria Alexandrina como a principal figura do arraial luziense.

O último passo da metodologia patrimonial é a apropriação, o envolvimento afetivo do sujeito com o patrimônio, que promove a valorização do bem cultural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999). Nesse momento, após a observação, o registro e a pesquisa é hora de internalizar o conhecimento e se apropriar da história local, entendendo-a como parte constituinte de quem o indivíduo é, como parte inerente de sua identidade. Todos esses passos devem permitir a leitura do espaço sociocultural luziense e da trajetória histórico-temporal, o sujeito deve perceber a memória da Baronesa muito viva em Santa Luzia, compreender o porquê de ruas, bairros e edificações carregarem o seu nome, pensar o Hospital São João de Deus como fruto de sua atuação em conjunto com os Barões. Mais do que tudo perceber que a figura de Maria Alexandrina se cristaliza no presente e coloca em posição de subalternidade os seus dois maridos. Essas constatações abrem as portas para muitas outras questões que serão respondidas a medida em que o sujeito colocar em prática as habilidades e os conceitos já adquiridos, produzindo novos sentidos e significados ao monumento em um processo contínuo de criação cultural, como defendido por Horta, Grunberg e Monteiro (1999).

Considerações Finais

A Educação Patrimonial se coloca como elemento fundamental a preservação dos lugares de memória na atualidade, pois permite, através de uma metodologia específica, que os sujeitos se apropriem conscientemente do patrimônio e desenvolva vínculos de pertencimento e cidadania. Dessa forma, o seu conhecimento e aplicação se tornam de extrema importância quando pensamos na preservação e permanência dos patrimônios.

A proposta desse artigo não era estabelecer uma atividade específica para servir de modelo a professores e outros profissionais da educação, para tal seria necessário um estudo de caso. Por isso, optou-se por mostrar o potencial do Solar da Baronesa, enquanto monumento, como fonte primária na construção de conhecimentos relacionados com o espaço sociocultural e a história luziense. Levando em consideração, a metodologia da Educação Patrimonial algumas questões e possibilidades foram aqui abordadas.

As observações acerca da temática, contudo, não se esgotam nesse artigo, há muitas outras ramificações possíveis de serem analisadas. É de extrema importância a sua

continuidade devido a relevância do Solar, e da própria Baronesa também, para a cidade luziense. Aproximar a população de sua história local permite o fortalecimento dos vínculos identitários, o desenvolvimento da cidadania, a valorização do patrimônio e, conseqüentemente, a sua preservação também.

Referências Bibliográficas

CORREA, Carolina Perpétuo.” POR QUE SOU UM CHEFE DE FAMÍLIAS E O SENHOR DA MINHA CASA”: proprietários de escravos e famílias cativas em Santa Luzia, Minas Gerais, século XIX. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2005

GOMES, Tatiana S. Solar da Baronesa de Santa Luzia: dos primórdios a utilização. Belo Horizonte. 2017

MAPA CULTURAL DE SANTA LUZIA . **Centro Cultural Solar da Baronesa** . Disponível em: <http://mapacultural.santaluzia.mg.gov.br/espaco/id:2/>. Acesso em: 16 set. 2019.

MATEUS, Beto. Baronesa Maria Alexandrina de Almeida, mais ilustre personagem luziense. Disponível em: < <https://www.luzias.com.br/baronesa-maria-alexandrina-de-almeida-mais-ilustre-personagem-luziense/>>. Acesso 15 de setembro de 2019